

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA
CATARINA – CAMPUS ARARANGUÁ**

ANGELUCE COSTA

**ESPECIFICIDADES DOS EDUCANDOS DO CURSO PROEJA FIC DO
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA, CÂMPUS
ARARANGUÁ – SC**

**Araranguá
2011**

ANGELUCE COSTA

**ESPECIFICIDADES DOS EDUCANDOS DO CURSO PROEJA FIC DO
INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA, CÂMPUS
ARARANGUÁ – SC**

Monografia apresentada ao Programa de Pós- Graduação *Lato Sensu* em Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), do Instituto Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação PROEJA.

Orientador: Prof. Me. Samuel Costa

**Araranguá
2011**

AGRADECIMENTOS

Ao professor Me. Samuel Costa pela orientação neste trabalho.

Às professoras Dra. Suzy Pascoali e Me. Rosabel Bertolin Daniel, coordenadoras do curso, sempre muito atenciosa com todos os alunos.

Em especial à Dra. Maria Clara Kaschny Schneider, Pró-reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia pela viabilização do curso.

Aos alunos do curso PROEJA-FIC do IFSC por terem concordado em participar desta pesquisa.

A todos os professores do curso pelo aprendizado e pela oportunidade de perceber a importância social da EJA.

Aos colegas de especialização da turma 2010.

Obrigado a todos.

RESUMO

(Especificidades dos educandos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá – SC). A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que atende indivíduos que muitas vezes estão à margem da sociedade e que por motivo qualquer não conseguiram concluir os estudos. A EJA constitui uma oportunidade de melhoria das condições de vida e de superação da exclusão de parte da população. Neste contexto, o PROEJA surgiu com o objetivo de atender os jovens e adultos por meio da oferta de um ensino básico integrado ao ensino técnico, contribuindo assim com a formação e reinserção desses alunos no mercado de trabalho. O público destas modalidades de ensino é bastante heterogêneo e com suas especificidades. O objetivo deste trabalho foi conhecer as especificidades dos alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina do câmpus de Araranguá. Foi aplicado um questionário para 10 alunos do curso em questão com perguntas fechadas. Para a análise das respostas das questões objetivas, utilizou-se um padrão de contagem, sendo os resultados apresentados em forma de gráficos. A maioria é do gênero masculino, casado, pertencente a faixa etária de 41 a 50 anos, empregados, oriundo de escolas públicas, a mais de 12 anos afastados da escola e pararam de estudar para trabalhar. Voltaram para a escola em busca de um futuro melhor e atraídos pela qualidade de ensino do IFSC. Como empecilho para a realização do curso estão encontrando a dificuldade em algumas matérias e o que mais gostam no curso são os conhecimentos adquiridos. 70% dos alunos após o término do curso pretendem realizar um PROEJA de ensino médio. O público em questão é bastante diversificado, por isso é importante conhecer as especificidades dos alunos que freqüentam cursos PROEJA, para que assim possamos nortear as práticas pedagógicas utilizadas para a construção dos conhecimentos.

ABSTRACT

(Specifics of PROEJA-FIC students in Federal Institute of Santa Catarina (IF-SC), Araranguá Campus). The Youth and Adults is a type of education that fits individuals who are often on the margins of society and for some reason could not complete their studies. The Youth and Adults is an opportunity for improvement of living conditions and for overcoming the exclusion of part of the population. In this context, the national education program called PROEJA emerged in order to meet young people and adults needs through the provision of basic education integrated to technical education, thus contributing to the training and reintegration of these students in the labor market. The audience of such modality of teaching is very heterogeneous and has specificities. The objective of this study was to know the particularities concerning the students of the PROEJA-FIC from Federal Institute of Santa Catarina, Araranguá Campus. A questionnaire consisting on closed questions was applied to 10 students of the course. A standard score was used in the analysis of the responses to objective questions, and the results are presented in graphical form. Most students are male, married, age ranging from 41 to 50, workers, former students of public schools, more than 12 years out of school and stopped studying to work. They returned to school in search of a better future and attracted by the quality of education at IFSC. As interference to the realization of the course they find difficulty in some of the subjects, while what they like the most is the knowledge acquired. Seventy per cent of the students wish to hold PROEJA high school after finishing the course. This group of students is much diversified, so it is important to know the specifics of the students attending PROEJA courses, in order to make it possible to guide the pedagogical practices used in knowledge construction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição dos alunos por gênero.....	26
Figura 2 – Faixa etária dos alunos.....	27
Figura 3 – Situação atual de trabalho dos alunos.....	28
Figura 4 – Origem escolar dos alunos.....	29
Figura 5 – Quantidade de tempo afastado da escola.....	30
Figura 6 – Motivo pelo qual os alunos pararam de estudar.....	30
Figura 7 – Motivo pelo qual os alunos voltaram a estudar.....	31
Figura 8 – Motivo pelo qual os alunos escolheram o referido curso.....	32
Figura 9 – Dificuldades para a realização do curso.....	33
Figura 10 – Motivos pelos quais os alunos estão gostando do curso.....	34
Figura 11 – Planos dos alunos para quando terminarem o curso.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS

CEB – Câmara de Educação Básica.

CNE – Conselho Nacional de Educação.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

FIC – Formação Inicial e Continuada.

IFRS – Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina.

MEC – Ministério da Educação.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases.

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização.

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	ii
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
LISTA DE FIGURA	v
LISTA DE ABREVIATURAS	vi
1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVOS	9
2.1 Objetivo geral.....	9
2.2 Objetivos específicos.....	9
3 REVISÃO DE LITERATURA	10
3.1 Educação de Jovens e Adultos (EJA).....	10
3.2 PROEJA.....	16
3.3 O aluno e a aluna da educação de jovens e adultos.....	20
4 METODOLOGIA	24
4.1 O curso PROEJA –FIC em Eletricista: Instalador domiciliar e Costura.....	24
4.2 Participantes.....	25
4.3 Instrumento de pesquisa.....	25
4.4 Análise dos dados.....	25
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
7 REFERÊNCIAS	38
8 ANEXO	43

1 INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que atende indivíduos que muitas vezes se sentem a margem da sociedade. Essas pessoas por diversos motivos não conseguiram concluir os estudos até o final da adolescência, tempo este considerado ideal para tal fato (SILVA, 2009).

Neste sentido, a EJA constitui uma oportunidade de melhoria das condições de vida e de superação da exclusão de parte da população (HADDAD, 1992). Assim, observamos que esta modalidade de ensino desempenha um papel muito importante na sociedade que nos encontramos hoje, uma vez que possibilita que os jovens e adultos invistam na sua formação pessoal, para que assim possa retornar de forma mais eficaz ao mercado de trabalho (SILVA, 2009).

Visando uma formação integral para os alunos da EJA e uma maior perspectiva de inserção no mercado de trabalho, em 2006 por meio do decreto n°. 5.840, de 13/07/2006, foi criado o Programa de Integração da Educação Profissional Técnica a educação básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

O PROEJA surgiu com o objetivo de atender os jovens e adultos por meio da oferta de um ensino básico integrado ao ensino técnico, contribuindo assim com a formação desses alunos e com a sua reinserção no mercado de trabalho.

O público que frequenta a Educação de Jovens e Adultos, chega à escola uma história e um conhecimento cultural que interfere de alguma forma no processo ensino-aprendizagem.

O ensino de jovens e adultos apresenta características peculiares que devem ser levadas sempre em consideração. Por isso, deve-se considerar que os alunos da EJA formam um grupo heterogêneo, que muitas vezes enfrentam as mais variadas dificuldades para estarem estudando. Essas dificuldades vão desde locomoção até a incompreensão do companheiro, que não aceita o fato de o seu parceiro estar estudando. Por isso, durante a EJA cada aluno deve ser considerado único, dotado de características cognitivas particulares, e rico em história, buscando um lugar na sociedade (OLIVEIRA, 1999).

A história de vida dos alunos que estudam na EJA é algo que deve ser conhecida para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de forma eficaz, isto é, levando em consideração os caracteres socioculturais deste público.

Considerar cada aluno da EJA dotado de especificidades pode contribuir para um fazer pedagógico que leve em conta os saberes que esses estudantes trazem para a sala de aula. Assim, o professor terá a oportunidade de resignificar o conhecimento a partir do que os

alunos já sabem, facilitando que os mesmos percebem a importância daquilo que estão estudando. Essa situação deve favorecer a reconstrução de indivíduos que um dia tiveram seus direitos sonogados pela sociedade.

Por isso, as práticas pedagógicas da EJA deve sempre levar em consideração as especificidades de cada aluno. Além disso, devemos buscar outras metodologias que consigam fazer com que esses alunos concluam seus estudos e se sintam reinseridos na sociedade de forma mais efetiva. Assim, essa metodologia diferenciada deve ser baseada na realidade desses alunos e em suas especificidades.

Os estudos que abordam o perfil dos alunos da EJA são recentes merecendo destaque os desenvolvidos por Oliveira (1999), Andrade (2004), Soares (2007), Farias (2009), Ferreira et al. (2009) e Silva (2010). Os trabalhos voltados apenas para o público PROEJA são muito poucos, destacando-se os de Angelo et al. (2007), Costa et al. (2007), Oliveira et al. (2009), Ribeiro (2009), Motta (2009), Silva (2009), Moura e Melo (2010) e Marinho e Ferreira (2011).

Assim sendo, é importante conhecer as especificidades dos alunos que frequentam cursos PROEJA, para que assim possamos nortear as práticas pedagógicas utilizadas para a construção dos conhecimentos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Conhecer as especificidades dos alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina do câmpus de Araranguá.

2.2 Objetivos específicos

- Conhecer os aspectos sociais e educacionais dos alunos do curso PROEJA-FIC do IFSC de Araranguá.
- Saber a trajetória educacional dos referidos alunos, assim como os motivos que os levaram a sair e a retornar para a escola.
- Identificar quais são as expectativas desses alunos após o término do referido curso.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A partir de 1940 a educação de adultos se tornou um tema de política educacional no Brasil. Dentre as ações que ocorreram nessa época, merecem destaque a criação do Serviço de Educação de Adultos e a Campanha de Educação de Adultos, ambos em 1947. Já na década de 50, mais precisamente no ano de 1952, surgiu a Campanha de Educação Rural e em 1958 a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (DI PIERRO et al., 2001; STRELHOW, 2010).

Na década de 1960 do mesmo século se tornou mais eficaz a educação de adultos com a forte mobilização popular, frente a movimentos de cultura e educação espalhando-se por todo país (FREIRE, 1979) com a atuação de diversos grupos de educadores.

Esses grupos de educadores pressionaram o governo federal para que houvesse apoio e o estabelecimento de uma coordenação nacional de iniciativas. Assim, no ano de 1964 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização que previa a disseminação por todo o Brasil da proposta orientada por Paulo Freire. A preparação do plano contou com força total de estudantes, sindicatos e diversos grupos estimulados pela ebulição política da época (DI PIERRO et al., 2001).

As principais propostas de educação popular e para a alfabetização de adultos no início dos anos 60 no Brasil levaram em consideração o pensamento pedagógico de Paulo Freire. Essas propostas tiveram o apoio de intelectuais e estudantes católicos envolvidos com uma ação política junto a grupos populares (GENTIL, 2003; STRELHOW, 2010).

“Ressalta-se que os trabalhos de educação popular, em particular da alfabetização, foram na sua grande maioria inspirados nas idéias de Paulo Freire, na chamada Pedagogia da Libertação ou Pedagogia dos Oprimidos” (STRELHOW, 2010).

Durante a década de 70, ainda sob a ditadura militar, tiveram início às ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que objetivava acabar com o analfabetismo em apenas dez anos (GENTIL, 2003; SANT’ANNA, 2010; STRELHOW, 2010).

Após esse período, verificou-se que a meta não havia sido cumprida, assim o programa passou por diversas alterações em seus objetivos, ampliando sua área de atuação para campos como a educação comunitária e a educação de crianças (SANT’ANNA, 2010; STRELHOW, 2010).

Em 1971 foi implantado no Brasil o ensino supletivo, um processo importante na história da educação de jovens e adultos deste país (STRELHOW, 2010)

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei nº5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria (VIEIRA, 2004).

No período que segue, mudanças políticas e econômicas interferiram nesse processo educacional e com o período militar a educação de adultos ficou comprometida.

Durante o regime militar houve pouca alfabetização e uma estagnação na educação de adultos. Porém, com a Democracia na década de 1980 e promulgação da Constituição Federal de 1988, definiu-se um novo momento para a educação de jovens e Adultos (DI PIERRO et al., 2001; STRELHOW, 2010)

A Constituição Federal de 1988 foi um grande marco para a EJA, uma vez que garantiu importantes avanços no campo dessa modalidade de ensino. Em seu artigo 208, a referida Constituição afirma que a educação é direito de todos, independente de idade, e nas disposições transitórias, onde são definidas metas e recursos orçamentários para a erradicação do analfabetismo (BRASIL, 1988).

A partir de 1990 várias Conferências Internacionais de Educação foram realizadas, fazendo com que o Brasil assumisse um compromisso com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, firmada em Jomtien, em 1990. O referido compromisso teve como propósito principal de reduzir as taxas de analfabetismo (SAMPAIO, 2009).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi um importante passo para a consolidação dessa modalidade de ensino. Ela dedica partes que tratam especificamente do ensino de jovens e adultos, ainda que de maneira bastante diferenciada quanto aos seus objetivos e forma de realização (BRASIL, 1996).

Assim sendo, a LDB (Lei 9.394/96) estabelece no capítulo II, seção V, artigo 37, que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996).

A LDB afirma ainda no artigo 37, parágrafos um e dois que

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (BRASIL, 1996).

A maneira como a LDB trata a EJA deixa claro o potencial de educação inclusiva e compensatória que dessa modalidade de ensino, tentando amenizar a marca histórica que a EJA traz em seu bojo.

Para Cury (2000) a EJA é marcada pela humilhação da elite para com as classes mais populares do Brasil. Para ele, isso se torna claro em muitos documentos oficiais que tratam a EJA como um favor e não como o pagamento de uma dívida social e a institucionalização de um direito

Segundo Haddad (1992) a EJA é uma “educação para os pobres, para jovens e adultos das camadas populares, que são maioria nas sociedades pouco desenvolvidas, para os excluídos do desenvolvimento e dos sistemas educacionais de ensino”. Mesmo constatando que aqueles que conseguem ter acesso aos programas de EJA são os com "melhores condições" entre os mais pobres, isto não retira a validade intencional do seu direcionamento aos excluídos.

Assim sendo, a educação de jovens e adultos representa uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem direito de permanecer na escola, ou que tiveram de abandonar seus estudos para poderem trabalhar. O fato de terem sido privados deste acesso compromete a convivência social desses indivíduos (BRASIL, 2000).

A EJA constitui “uma oportunidade de melhoria das condições de vida e de superação da exclusão de parte da população” (HADDAD, 1992) que outrora não tiveram acesso, por algum motivo, ao ensino dito regular na idade apropriada (LOPES; SOUSA, 2007).

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2000), essa modalidade de ensino deve desempenhar três funções:

Função reparadora: não se refere apenas à entrada dos jovens e adultos no âmbito dos direitos civis, pela restauração de um direito a eles negado – o direito a uma escola de qualidade –, mas também ao reconhecimento da igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano de ter acesso a um bem real, social e simbolicamente importante. Mas não se pode confundir a noção de reparação com a de suprimento. Para tanto, é indispensável um modelo educacional que crie situações pedagógicas satisfatórias para atender às necessidades de aprendizagem específicas de alunos jovens e adultos.

Função equalizadora: relaciona-se à igualdade de oportunidades, que possibilite oferecer aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e nos canais de participação. A equidade é a forma pela qual os bens sociais são distribuídos tendo em vista maior igualdade, dentro de situações específicas. Nessa linha, a EJA representa uma possibilidade de efetivar um caminho de desenvolvimento a todas as pessoas,

de todas as idades, permitindo que jovens e adultos atualizem seus conhecimentos, mostrem habilidades, troquem experiências e tenham acesso a novas formas de trabalho e cultura.

Função qualificadora: refere-se à educação permanente, com base no caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não-escolares. Mais que uma função, é o próprio sentido da educação de jovens e adultos.

Para Cury (2000), dentre as funções elencadas, a EJA tem em nosso país obrigatoriamente as funções reparadora e equalizadora. A função reparadora significa um avanço em relação à idéia de supletivo que sempre acompanhou a EJA com o sentido de resgatar um tempo perdido ou suprir uma carência de escolarização na chamada idade própria (um conceito impróprio, se levarmos em consideração o direito à educação em qualquer período da vida). O reconhecimento da educação como direito do cidadão e da cidadã ao longo de sua existência transfere a idéia de compensação para a de reparação de um direito que lhe foi negado. A função equalizadora da EJA diz respeito à possibilidade dos jovens e adultos voltarem a frequentar ou frequentarem pela primeira vez a escola.

A EJA é capaz de modificar significativamente a educação e a vida de uma pessoa, uma vez que propicia a reinserção social do indivíduo que vivia até então a margem da sociedade, permitindo-lhe a possibilidade de reescrever a sua história de forma mais digna (CHILANTE; NOMA, 2009).

Desta forma, “a EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas e qualquer tentativa de classificá-los em categorias muito amplas os desfigura” (ARROYO, 2007).

Para Arroyo (2006) os sujeitos da EJA são ativos, com consciência clara de direitos, organizados dentro de lutas coletivas, que fazem uso da sua militância para encontrar estratégias e reivindicar direitos até então negados pela sociedade.

Na visão de Oliveira (1999) e Haddad (2002) os alunos da EJA são caracterizados por dificuldades socioeconômicas, culturais, materiais, afetivas e pela falta de participação nos processos sociais.

Alunos e alunas da EJA costumam apresentar uma auto-estima baixa, chegando muitas vezes a se considerar incapazes. Isso ocorre devido ao fato de existir um preconceito social, que algumas vezes os rotulam de incompetente, marginal e culturalmente inferior (OLIVEIRA, 1999; ARROYO, 2007).

Assim sendo,

refletir e discutir sobre a EJA, sobre o sujeito Jovem e Adulto, é transitar em três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição

de "não-crianças", a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais (OLIVEIRA, 1999).

Neste sentido, a educação de jovens e adultos deve reconhecer que o jovem e adulto são sujeitos responsáveis pelas suas atitudes sociais e que devem ser incluídos na sociedade na qual vivem. Assim, é necessário buscarmos uma educação diferente, baseada numa sociedade igualitária (SANTOS, 2004).

Diante deste contexto, o professor que trabalha com a educação de jovens e adultos tem um importante papel no processo educacional desses alunos, além de um grande desafio.

É necessário que o professor receba uma formação voltada para esta modalidade de ensino, pois ele deve saber a sua importância no desenvolvimento do aluno (BEDOYA; TEIXEIRA, 2008). Assim, “é fundamental que as instituições de ensino superior definam políticas de formação, de docentes voltados para o público jovem e adulto” (BORGH, 2007).

A educação de jovens e adultos requer do educador conhecimentos específicos no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, atendimento, entre outros, para trabalhar com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente (ARBACHE, 2001).

Além da formação superior, o educador deve procurar se capacitar para atuar na EJA. Tal capacitação, segundo Lopes e Sousa (2007) pode ocorrer por “via externa, representada por cursos de capacitação, aperfeiçoamento, seminários, leitura de periódicos especializados e; a via interior, que é a autocrítica que cada docente deve desempenhar, questionando se está cumprindo seu papel na sociedade”.

O professor da EJA deve procurar trabalhar o conhecimento em sala de aula, da forma mais clara possível para que seu aluno possa ter a oportunidade de analisá-lo e questioná-lo, e não apenas absorver informações. Ele precisa também considerar a bagagem de experiência e o conhecimento prévio que seu aluno já possui, para transformar as informações já adquiridas por esse aluno em conhecimento útil (ARROYO, 2006).

Sendo assim, educar jovens e adultos é dar uma escolarização ampla e de qualidade, onde as atividades são contínuas e com o propósito claro de tornar esses indivíduos cidadãos reinseridos na sociedade em qual vivem (LOPES; SOUSA, 2007; BORGH, 2007; SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2008). Essas atividades devem ter começo, meio e fim, e com objetivos bem claros.

Demo (2004) destaca que para “se ensinar bem é preciso que o aluno de fato aprenda, um fato que nem sempre é levado em consideração”.

Ensinar, acima de tudo, exige respeito ao saberes dos educandos, que formam e são socialmente construídos na sua prática comunitária. O ato de educar não se limita aos “conteúdos” que o professor possui, pois deve partir do

princípio de que há uma troca efetiva de informações e de conhecimento entre educador e educando (BEDOYA; TEIXEIRA, 2008).

Isto só será possível se o educador perceber o aluno como um ser cheio de capacidade e idéias, que se apresenta de forma espontânea, e baseado nos fatos do dia a dia. Além disso, o docente deve apresentar-se como um aliado, não permitindo que o aluno se sinta inferiorizado ou discriminado. O aluno adulto tem muito a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, não só por ser um trabalhador, mas pelo conjunto de ações que exerce na família e na sociedade. (LOPES; SOUSA, 2007; BORGH, 2007; ARROYO, 2007; BEDOYA; TEIXEIRA, 2008).

Com relação ao currículo, a organização, aos métodos e materiais, Di Pierro et al. (2001) afirma que a educação de jovens e adultos não devem de maneira alguma reproduzir os utilizados na educação infanto-juvenil. É recomendável que ocorra uma flexibilização dos currículos, meios e formas de atendimento, para que os indivíduos possam obter novas aprendizagens.

Quando falamos em EJA, é muito conveniente lembrar que todos podem e devem contribuir para o seu desenvolvimento. Os governantes devem implantar políticas integradas para a EJA, as escolas devem elaborar um projeto adequado para seus próprios alunos e não seguir modelos prontos, os professores devem estar sempre atualizando seus conhecimentos e métodos de ensino, os alunos devem sentir orgulho da EJA e valorizar a oportunidade que estão tendo de estudar e ampliar seus conhecimentos. À sociedade cabe contribuir com a EJA não discriminando essa modalidade de ensino nem seus alunos, sendo assim, as pessoas em geral que conhecerem um adulto analfabeto deve falar da importância da educação e incentivá-los a procurar uma escola de EJA (LOPES; SOUSA, 2007).

No entanto, apesar da educação de jovens e adultos nos últimos tempos vivenciar acontecimentos que garantem a sua consolidação na educação formal e reflexões pedagógicas (GENTIL, 2003), algumas atitudes ainda a deixam muitas vezes a margem da educação brasileira.

Entre muitas destas atitudes, podemos citar a inserção da proposta do FUNDEB que entrou em vigor a partir de julho de 2007, onde a EJA recebe um valor por aluno menor que o destinado ao Ensino Fundamental de crianças. Essa diferença pode chegar a menos da metade, como no caso do Distrito Federal. Essa situação comprova como a EJA muitas vezes é tratada como uma educação de segunda classe, como pode ser notada no que se refere ao financiamento (BRASIL, 2006).

Mas sempre é importante ressaltar que a EJA muitas vezes se apresenta aos jovens e adultos como uma porta para o futuro. Portanto, no discurso da educação persiste o discurso das promessas de futuro e, talvez, o discurso deveria ser o da garantia de um mínimo de

dignidade no presente. Dessa forma, deveríamos evitar discursos do futuro e falar mais no presente. No entanto, intervir mais no seu presente do que fazer promessas de futuros que poderão não chegar (CURY, 2000).

3.2 O PROEJA

Na última década do século passado a educação profissional no Brasil foi regulamentada pelo Decreto nº 2.208 de 17 de abril de 1997, que priorizava a formação técnica em detrimento da geral, o que impedia a continuidade da oferta de cursos integrados de nível médio. Em 23 de julho de 2004 o mesmo foi revogado pelo Decreto nº 5.154, que propunha a volta da integração curricular como uma expectativa na educação profissional. Essa expectativa pôde se efetivar, entre outras medidas, com a criação do PROEJA (CAMPOS, 2009).

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) foi instituído pelo governo federal em junho de 2005, através do Decreto nº 5.478, sendo este substituído em 13 de julho 2006 pelo Decreto nº 5.840, onde trouxe algumas alterações de ordem curricular e de implantação (HYPOLITO, et al., 2009; CAMPOS, 2009),

[...] entre elas a ampliação da abrangência, no que se refere ao nível de ensino, pela inclusão do ensino fundamental, e, em relação à origem das instituições que podem ser proponentes, pela admissão dos sistemas de ensino estaduais e municipais e entidades privadas nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional, passando a denominação para Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2007b).

Segundo Oliveira et al. (2010) o PROEJA vem colocar em prática a garantia do ensino básico para o trabalho, fato este que já estava previsto tanto na Constituição Federal de 1988, quanto na LDB de 1996.

Segundo Alves e Castro (2007), em uma análise da legislação do PROEJA e do Documento Base, afirmam que nesses é possível perceber a EJA “[...] como direito subjetivo e que deve, portanto, ser assumida pelo Estado como política pública, garantindo a continuidade das suas ações e do seu financiamento”. Sendo assim, pautado nos pressupostos de uma educação de qualidade e integral, com base num conceito de educação continuada, que considera os saberes e culturas das camadas populares. Ainda, no entender das autoras, o Ensino Médio, aparece como “[...] etapa construtora da formação cidadã e de recursos para

progredir no trabalho e em outras etapas de escolarização”, e a Educação Profissional é edificada.

[...] a partir da percepção do trabalho como parte fundante e concreta da vida das pessoas, que buscam, por meio dele, reproduzi-la nas suas dimensões materiais, sociais, simbólicas e espirituais, assim como pela superação da dicotomia entre trabalho intelectual e trabalho manual (ALVES; CASTRO, 2007).

No PROEJA os Cursos de formação Inicial e Continuada de trabalhadores, possuem uma carga horária máxima de 1.600 horas, sendo 1.200 horas destinadas à formação geral e 200 horas, no mínimo, voltadas para a formação profissional. Para os cursos de educação profissional técnica de nível médio, a carga horária máxima é de 2.400 horas, assegurando-se cumulativamente a destinação de 1.200 horas, no mínimo, para a formação geral e uma carga horária mínima estabelecida, para cada habilitação profissional técnica cursada (FERREIRA et al, 2008; SOUZA et al.; 2009).

O PROEJA pode ser ofertado por instituições públicas, municipais e estaduais, e por entidades privadas de serviço social, aprendizagem e formação profissional associadas ao “Sistema Sindical”. As Instituições Federais de Educação Profissional e Tecnológica foram as primeiras a implantar cursos e programas regulares do PROEJA e são responsáveis pela estrutura dos cursos ofertados e pela expedição de certificados e diplomas (SOUZA et al., 2009).

O referido programa visa oferecer oportunidades educacionais que integrem a educação básica a uma formação profissional (MOURA, 2006), tendo como objetivo atender à demanda de jovens e adultos pela oferta de educação profissional técnica de nível médio, para que o aluno a partir da inclusão no mercado de trabalho possa modificar sua leitura de mundo e sua participação nos processos sociais (MACHADO, 2006; CARDOSO et al., 2010; PEREIRA et al., 2010). Além disso, o mesmo ainda garante a ampliação dos espaços públicos da educação profissional para adultos, o que contribui para a universalização da educação básica.

Para Moura (2006) o PROEJA surge com duas finalidades bem marcantes

de enfrentar as descontinuidades e o voluntarismo que marcam a modalidade EJA no Brasil, no âmbito do ensino médio e, além disso, integrar à educação básica uma formação profissional que contribua para a integração socioeconômica de qualidade desses coletivos.

No entanto, em sua formulação e construção existem vários desafios políticos, epistemológicos, pedagógicos e infraestruturais para serem ultrapassados. Dentre os quais está a transformação desse Programa em uma verdadeira política educacional pública do Estado brasileiro para o público da EJA (MOURA, 2006).

Pereira et al. (2010) destaca que a formação de professores na área, a constituição de um currículo articulado com o ensino básico, a sinergia entre o projeto econômico e social do país, as classes sociais e o PROEJA, objetivando a superação do próprio sistema capitalista, no intuito de acabar com a dualidade escola para pobres e escola para ricos. Esses são outros desafios que esse programa deve enfrentar para cumprir seu papel social.

Brasil (2007b) ressalta que o PROEJA possui por base seis princípios básicos: inclusão da população em suas ofertas educacionais, inserção orgânica da modalidade EJA integrada à educação profissional nos sistemas educacionais públicos, ampliação do direito à educação básica, pela universalização do ensino médio, trabalho como princípio educativo, pesquisa como fundamento da formação e condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundantes da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais.

Para Hotz (2008) o PROEJA apresenta três funções básicas: reparadora, equalizadora e qualificadora.

A função reparadora do PROEJA se constitui como uma política que pretende reparar as falhas cometidas pelo próprio Estado em períodos anteriores como, por exemplo, a garantia do direito da educação para todos na idade própria. Quanto à função equalizadora, estaria diminuindo as desigualdades existentes entre o público da EJA e os que tiveram acesso à educação na idade própria. Por fim, a autora aponta que a função de qualificadora do PROEJA se dá na integração entre os conhecimentos gerais e os profissionalizantes tendo em vista fornecer conhecimentos que possibilitem aos alunos deste programa a flexibilidade para migrarem de uma ocupação à outra, melhorando suas próprias condições de vida (HOTZ, 2008).

Cada função do PROEJA se complementa e o seu conjunto contribui para o alcance dos objetivos do programa que estão evidenciados no Documento Base, ou seja, a redução das desigualdades econômicas e sociais (HOTZ, 2008).

Esse programa propõe garantir a (re)inserção, no sistema educacional, de jovens e adultos que não concluíram ou não tiveram acesso às redes escolares de educação básica e profissionalizante em sua faixa etária regular. Com isso, pretende-se oferecer uma formação humana com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade. Esta formação deve estar integrada a uma

formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa (HYPOLITO et al., 2009).

O que realmente se deve buscar em cursos no moldes do PROEJA, é a formação humana, no seu sentido lato, com acesso ao universo de saberes e conhecimentos científicos e tecnológicos produzidos historicamente pela humanidade, integrada a uma formação profissional que permita compreender o mundo, compreender-se no mundo e nele atuar na busca de melhoria das próprias condições de vida e da construção de uma sociedade socialmente justa. A perspectiva precisa ser, portanto, de formação na vida e para a vida e não apenas de qualificação do mercado ou para ele (PEREIRA et al., 2010).

O PROEJA apresenta um caráter estratégico para a redução das desigualdades sociais e fortalecimento da cidadania na sociedade brasileira, mediante ações voltadas para a população elevando os níveis de escolarização e profissionalização, sobretudo do amplo contingente da população de jovens e adultos que em sua idade correspondente não concluiu a educação básica (BRASIL, 2007a).

Sabe-se que o programa do PROEJA traz aspectos inovadores, qualitativos e quantitativos, de amplitude, concepção e localização, para a educação no país, sobretudo no que trata da oferta de educação básica (no nível fundamental ou no nível médio) integrada à educação profissional, na modalidade da educação de jovens e adultos, além da formação de professores especialistas para a atuação nestes cursos e modalidades.

A formação de professores para atuarem no PROEJA é muito importante para a consolidação desse programa, uma vez que os docentes têm que se envolver na construção de um projeto pedagógico centrado em um currículo integrado, unindo a formação geral e a formação técnica (BRASIL, 2007b).

Neste sentido, o referido programa ganhou espaço de capacitação para docentes mediante a oferta de cursos de pós-graduação *latu sensu*, possibilitando, em sua conclusão, o título de especialista. Os cursos são dirigidos preferencialmente a profissionais da educação que trabalham nas redes públicas federal e estadual e que atuem na educação profissional técnica de nível médio, ou na educação de jovens e adultos, também para aqueles que venham a atuar nestes níveis e modalidades educacionais como professores ou gestores (CARDOSO et al., 2010).

Ferreira et al. (2008) argumenta que os professores que trabalham em cursos de PROEJA

devem pensar estratégias adequadas, avaliarem suas práticas, abrirem-se às trocas com os seus pares e, principalmente, considerarem os conhecimentos trazidos por seus alunos, das experiências do mundo do trabalho, como as principais referências, a partir das quais poderão avançar na construção de novos conhecimentos. No entanto, a criação de estratégias para efetivar a valorização desses conhecimentos, desafia a pesquisa e a lógica de organização curricular.

Um docente bem preparado tem a condição de fazer do PROEJA um ambiente de aprendizagem onde se reconheça os saberes dos alunos e que se promova um diálogo entre saberes populares e os saberes científicos. Além disso, deve acatar os diferentes tempos de aprendizagem de cada um e ter uma proposta de socialização dos conhecimentos (CARDOSO et al., 2010).

Portanto, este programa surge como oportunidade e alternativa de se fazer garantir o direito à educação que tem sido negada a uma significativa percentagem da população brasileira (VERSIEUX, 2009).

Sendo assim, estamos diante de um grande desafio: consolidar o PROEJA, para que esse programa se transforme em política pública educacional do Estado brasileiro. Para que não continue aumentando e acontecendo a exclusão desses jovens e adultos, dessa forma, a dívida social que o Brasil tem para essa parcela da população, que tiveram, ao longo do tempo, negado o acesso educação escolar (ANGELO et al., 2007).

O PROEJA apresenta um grande potencial transformador, caso seja “transformado em política pública a ser implementada tanto na Rede Federal como em outros sistemas públicos de educação por meio de processos participativos, planejados e que integrem essas distintas esferas educacionais” (CARDOSO et al., 2010).

3.3 O aluno e a aluna da educação de jovens e adultos

Os alunos da educação de jovens e adultos são indivíduos com faixa etária diferentes, culturas e saberes diversificados e que buscam na escola transformação social, cultural e econômica (OLIVEIRA, 1999; RIBEIRO, 2009). São indivíduos preocupados em acompanhar os avanços tecnológicos e as exigências do mundo do trabalho, acreditam que através da escola será possível mudar suas realidades pessoais e profissionais (RIBEIRO, 2009).

A maioria dos educandos da EJA que procuram a escola pertence a classes sociais diferentes com variado poder aquisitivo, que consomem, de modo geral, apenas o básico à sua sobrevivência. O lazer destes indivíduos é encontrado nos encontros de famílias ou festas e

eventos da comunidade a qual estão ligados. Sua principal fonte de informação é a televisão. E seus pais têm escolaridade inferior a sua (BRASIL, 2006).

A diversidade cultural dos sujeitos na EJA que constitui a diversidade da sociedade brasileira, expressa por múltiplas identidades, nos chama também a considerar que esses sujeitos têm sido vitimados pelas desigualdades sociais e educacionais produzidas, demandando do Estado formas apropriadas de inserção dos mesmos no usufruto dos bens culturais a que todos devem ter acesso, dentre eles a educação (OLIVEIRA, et al., 2009).

O aluno da EJA não teve acesso à educação ou não pôde permanecer na idade própria na educação básica por diversos motivos, mas principalmente pela necessidade de trabalhar e o desestímulo por repetidas reprovações (FERREIRA et al, 2009). Em alguns casos, os alunos tiveram que abandonar a escola por outros motivos que não o de ordem econômica, como por exemplo, por motivos de casamento, desinteresse, falta de incentivo, entre outros (HADDAD, 2002).

O aluno da EJA é um jovem e adulto que historicamente vem sendo excluído, quer pela impossibilidade de acesso à escolarização, quer pela exclusão da educação regular ou por ter que trabalhar. São alunos que estão inseridos no mercado de trabalho, ou que ainda esperam nele ingressar, que não visam apenas à certificação da escolaridade para manter sua situação profissional, mas que planejam concluir o Ensino Médio e chegar à Universidade para ascender socialmente e profissionalmente, rompendo barreiras preconceituosas, geralmente transpostas em função de um grande desejo de aprender (FERREIRA et al, 2009).

A EJA das cidades recebe alunos com traços de vida, origens, idades, vivências profissionais, históricos escolares, ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamento completamente variado. Cada realidade corresponde a um tipo de aluno, uma vez que são pessoas que vivem no mundo adulto do trabalho, com responsabilidades sociais e familiares, com valores éticos e morais formados a partir da experiência, do ambiente e da realidade cultural em que estão inseridos (BRASIL, 2006).

Neste sentido, é importante pensar as identidades da EJA no plural, não concebendo a identidade da EJA como algo fixo. Assim, “as diferenças vão se caracterizando pelos ciclos da vida (juventude, maturidade e velhice) e pelas identidades étnicas, de gênero, geracionais, religiosas, linguísticas e culturais” (OLIVEIRA et al., 2009).

Os alunos da EJA não compreendem apenas a especificidade etária, como também a cultural. É importante historicizar o objeto de reflexão para não cometer o equívoco de apontar a todos os adultos e adultas sem escolarização como personagens abstratos.

Nesse sentido, é muito importante conhecer a história desses alunos e levar em consideração seus traços culturais e sociais como a exclusão da escola. Por isso deve-se

adequar o ensino a esses alunos, uma vez que eles apresentam peculiaridades no processo de ensino-aprendizagem, que deve ser respeitado (OLIVEIRA, 1999).

A visão de mundo dos educandos da EJA é bastante peculiar, uma vez que são detentores de histórias reais e ricas em experiências vividas, o que gera uma diversidade muito grande de seres humanos. “São homens e mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos” (BRASIL, 2006).

“Os conhecimentos de uma pessoa, que procura tardiamente a escola, são inúmeros e adquiridos ao longo de sua história de vida. Conhecimentos, originados das experiências de vida dos alunos e alunas: o saber sensível e o saber cotidiano” (BRASIL, 2006).

Com este conhecimento, os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa (BRASIL, 2006).

Os estudantes da EJA geralmente voltam para a escola movidos pela vontade de continuar seus estudos, satisfação pessoal, conquista de um direito ou simplesmente para a obtenção de um diploma para que assim possam conseguir um emprego melhor e modificar a sua situação econômica (SOUSA; CUNHA, 2010).

Assim, o educando da EJA “não é o estudante universitário, o profissional qualificado [...], ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo [...]” (OLIVEIRA, 1999).

Brasil (2006) destaca ainda que “a procura dos jovens e adultos pela escola em muitos casos pode ocorrer por meio de uma decisão familiar, da exigência do patrão, das condições de acesso e das distâncias entre casa e escola, das possibilidades de custear os estudos”.

“Para estes alunos a escola ter um sentido real, senão ele não frequenta ou se for não aprende. É preciso que este sentido de estar ali tenha sua origem no prazer que o ato de aprender pode proporcionar e aliada ao prazer exista uma atividade intelectual” (NASCIMENTO, 2002).

Portanto, a escola deve representar para os jovens e adultos, um espaço que possibilita o acesso livre para ir e vir, onde é possível encontrar amigos, ter uma convivência social, ampliar seus horizontes em relação ao seu cotidiano familiar e profissional (RIBEIRO, 2009).

Souza e Cunha (2010) salientam o docente desempenha um papel muito importante no retorno dos alunos as turmas de Educação de Jovens e Adultos. É fundamental que os mesmos saibam trabalhar com esses alunos, utilizando metodologias e práticas pedagógicas capazes de respeitar e valorizar suas especificidades, identificando o potencial de cada aluno. Esse olhar voltado para o aluno como o sujeito de sua própria aprendizagem, que traz para a escola um conhecimento vasto e diferenciado, contribui, efetivamente, para sua permanência na escola e uma aprendizagem com qualidade.

É muito importante que aluno se sinta bem acolhido e valorizado pelo professor, possibilitando a abertura de um canal de aprendizagem com maiores garantias de êxito, e que utilize parte dos conhecimentos prévios dos educandos para promover conhecimentos novos (BRASIL, 2006).

Assim sendo, o professor da EJA deve sempre procurar saber quem são seus alunos, de onde vieram e para onde querem ir. A história desses indivíduos nunca deve ser desprezada, e sim utilizada como um material, onde a contribuição de cada um enriquecerá a aula. O professor de EJA deve ter a sensibilidade de saber significar o ensinamento que está sendo oferecido a esses alunos. Ele nunca deve ensinar por ensinar, mas sim ensinar para que o público possa aplicar no seu cotidiano.

Um dos fatores que contribui para o sucesso da EJA é o de considerar cada aluno como um ser único, que por vezes poderá apresentar dificuldades de aprendizagem, mas que, no entanto, não deixa de ter a vontade de aprender. Por isso, que no ensino de jovens e adultos, o professor nunca deve ser um transmissor de conteúdos, mas sim um grande mediador e companheiro no processo de reconstrução de indivíduos que um dia o direito de estudar tolhido.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa se caracteriza por ser um estudo de campo exploratório, com uma amostragem não probabilística e por conveniência, do tipo quantitativo.

A pesquisa quantitativa considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las (SILVA; MENEZES, 2001). Já a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses (GIL, 2002).

Os dados foram coletados junto aos alunos do curso PROEJA – FIC em instalações elétricas e costura do Instituto Federal de Santa Catarina do campus de Araranguá. Para tanto, foram seguidos os seguintes passos: (a) apresentação do aplicador e exposição dos objetivos da pesquisa; (b) reiteração sobre o anonimato dos participantes e a confidencialidade de suas respostas; (c) informação sobre a livre deliberação de cada um em responder; e, por fim, (d) instruções específicas sobre a forma de responder aos questionários.

4.1 O curso PROEJA –FIC em Eletricista: Instalador domiciliar e Costura

O Curso de Formação Inicial e Continuada na Modalidade Jovens e Adultos (PROEJA – FIC): com uma saída profissionalizante de **Eletricista: Instalador Domiciliar e Costura** é um curso profissionalizante articulado às séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Ele é realizado por meio de uma parceria entre o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (Campus Araranguá) e a Prefeitura Municipal de Araranguá.

O principal objetivo do curso é a inclusão de jovens e adultos de classes populares do município de Araranguá e região, que necessitam ao mesmo tempo concluir a Educação Básica e ter acesso a uma formação profissional.

O Curso tem entrada semestral, funcionamento noturno e com carga horária total de 1405 horas. Em cada semestre entram 18 alunos para a formação de Eletricista e mais 18 para a formação em Costura, por meio de sorteio dos inscritos.

As aulas da formação geral são realizadas com todos os alunos juntos, sendo que no momento da formação profissionalizante a turma é dividida em duas, cada qual com a sua respectiva formação.

No que diz respeito aos professores, o curso apresenta um diferencial. Cada disciplina é ministrada por dois professores, ao mesmo tempo, onde um é oriundo do quadro de funcionários do IFSC e o outro é cedido pela prefeitura. Esta divisão da disciplina entre dois

professores foi realizada com o objetivo de tornar as aulas mais diversificadas e diferentes, uma vez que ambos também preparam as suas aulas juntos.

4.2 Participantes

Participaram da presente pesquisa 10 alunos do curso PROEJA/FIC do Instituto Federal de Santa Catarina do câmpus de Araranguá. Dentre estes, 80% do sexo masculino, com idade variando dos 18 aos 50 anos de idade, com prevalência da faixa etária dos 36 aos 50 anos, sendo a maioria casada. A maior parte possui atividade remunerada (90%).

A seleção dos alunos aos quais os questionários foram aplicados, compondo o estudo, foi intencional a partir da acessibilidade aos participantes e sua disponibilidade, ou seja, ser aluno do curso PROEJA - FIC.

4.3 Instrumento de pesquisa

Escolhemos utilizar como instrumento de pesquisa para a coleta de dados um questionário (ANEXO A), que foi elaborado de maneira a auxiliar a coleta de dados relativos à pesquisa.

Cervo e Bervian (2002) consideram que o questionário, muito utilizado em pesquisas na Educação, é a técnica de coleta de dados mais eficiente, pois possibilita medir com melhor precisão o que se deseja, além de ter como vantagem a coleta de informações mais reais.

O questionário é composto por 11 perguntas fechadas, sendo que os pesquisados só podiam assinalar uma alternativa por questão. As três primeiras perguntas questionam sobre a situação social do aluno, as três questões seguintes o indagam sobre a sua vida de estudante antes de retomar os seus estudos e as cinco últimas os questionam sobre o curso PROEJA FIC que o mesmo está realizando e as suas perspectivas após o término do mesmo.

4.4 Análise dos dados

Para a análise das respostas obtidas das questões objetivas, utilizou-se um padrão de contagem, sendo os resultados apresentados em forma de gráficos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Há predomínio de educandos pertencentes ao gênero masculino (80%), o que sugere uma maior evasão de mulheres do curso PROEJA-FIC do IFSC de Araranguá (Fig. 1).

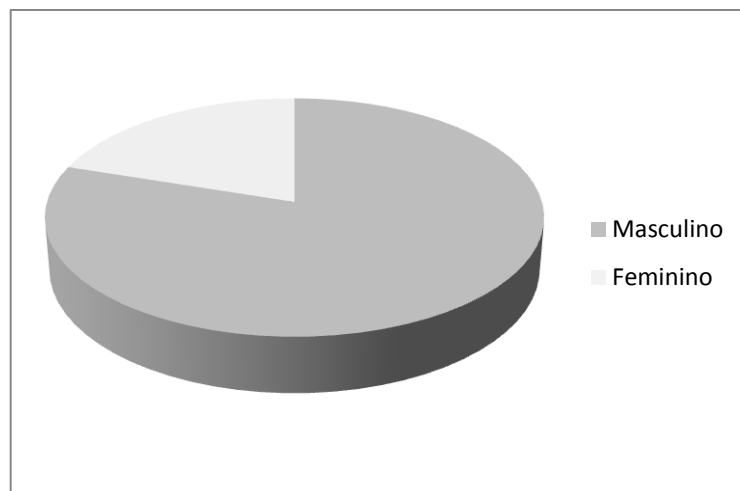


Figura 1 – Distribuição dos alunos por gênero do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá.

Inicialmente a turma em questão era composta por 36 alunos, 18 homens e pertencentes ao curso de eletricista e 18 mulheres pertencentes ao curso de costura. Houve uma grande evasão das alunas que compunham a turma, devido ao fato de as mesmas terem que cuidar de seus lares e isso dificultar a saída de casa para estudar a noite. Assim, atualmente restaram apenas duas mulheres das que inicialmente formavam a turma, e oito homens.

A EJA nas últimas décadas vem se configurando como um espaço onde se tem buscado superar a exclusão das mulheres do sistema escolar (MENEZES, 2005), exclusão esta muitas vezes causada pelo modelo de sociedade em que vivemos. Esse modelo muitas vezes faz com que a mulher não tenha o direito de voltar aos seus estudos, pelo fato de as mesmas terem que cuidar de seus lares e de sua família.

Pode-se observar que as famílias educam seus filhos e filhas para se portarem conforme o que a sociedade determina como natural de mulher ou de homem. Então, os modelos atribuídos aos homens e as mulheres favorecem uma divisão sexual de trabalho, pois o modo de produção vivido pelo homem interfere no modo de se comportar e agir perante a sociedade (MARINHO; FERREIRA, 2011).

A mulher ainda tem a “obrigação” de articular a família com a profissão, uma vez que o fato de ela ter um grande sucesso profissional não dispensa a mulher de seus afazeres domésticos (RIDENTI, 1998). Esta mesma situação ocorre quando as mulheres tentam voltar a estudar, pois muitas delas têm que cuidar de seus lares e estudar, fazendo com que se sintam desmotivadas em continuar seus estudos.

A faixa etária da maioria dos alunos está entre 30 e 40 anos, seguida de 36 a 40 anos (Fig. 2).

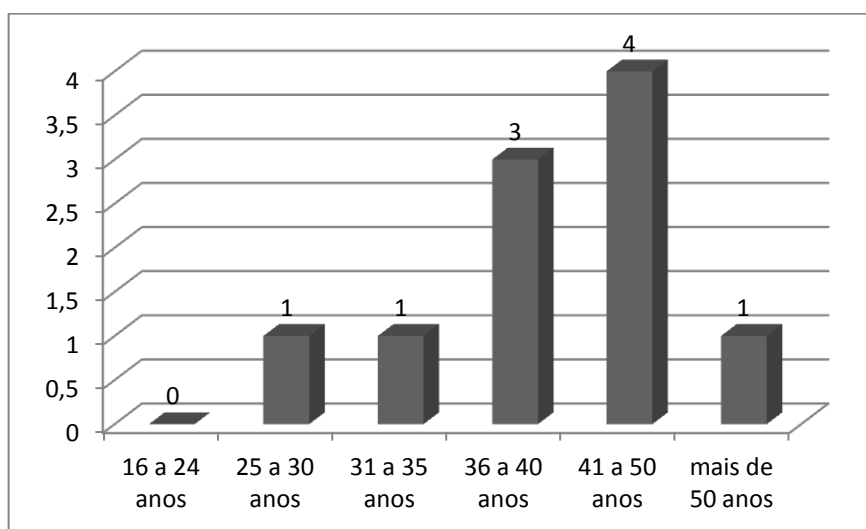


Figura 2 – Faixa etária dos alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá.

Costa et al. (2007), Soares (2007), Oliveira et al. (2009), Ferreira et al. (2009), Mesralla (2009), Moura e Melo (2010), Sousa e Cunha (2010), Silva et al. (2010) Marinho e Ferreira (2011) analisando o perfil dos alunos de cursos de EJA e PROEJA no Brasil verificaram que existe uma juvenilização desta modalidade de educação.

Marinho e Ferreira (2011) apontam que a referida juvenilização da EJA e do PROEJA é uma realidade e algo muito comum na modalidade de ensino em questão.

O Documento base do PROEJA (Brasil, 2007b) ressalta “à presença forte de jovens na EJA, em grande parte devido a problemas de não permanência e insucesso no ensino fundamental ‘regular’”.

Apesar dos estudos acima relacionados apontarem para a presença de alunos mais jovem no PROEJA e na EJA, verificamos na presente pesquisa uma tendência dos alunos do curso em questão pertencerem a uma faixa etária mais elevada.

Levantamos duas hipóteses para justificara tal situação. A primeira diz respeito aos períodos em que ocorrem as aulas do curso PROEJA analisado. Verificamos que as aulas são

diárias, diferentemente da EJA, em que até o presente ano tinha aulas somente alguns dias da semana. Isso pode fazer com que os alunos mais jovens não procurem o curso PROEJA, mas sim a EJA.

Como segunda hipótese, sugerimos que o fato do PROEJA ser um curso profissionalizante, pode atrair pessoas mais maduras que sabem quais são seus objetivos claros de vida, fazendo com que jovens que ainda não sabem direito qual profissão seguir se afastem.

Questionados sobre a situação atual de trabalho a grande maioria dos pesquisados trabalham de carteira assinada (n=4), seguido de autônomo (n=3) e temporários (=2) (Fig. 3).

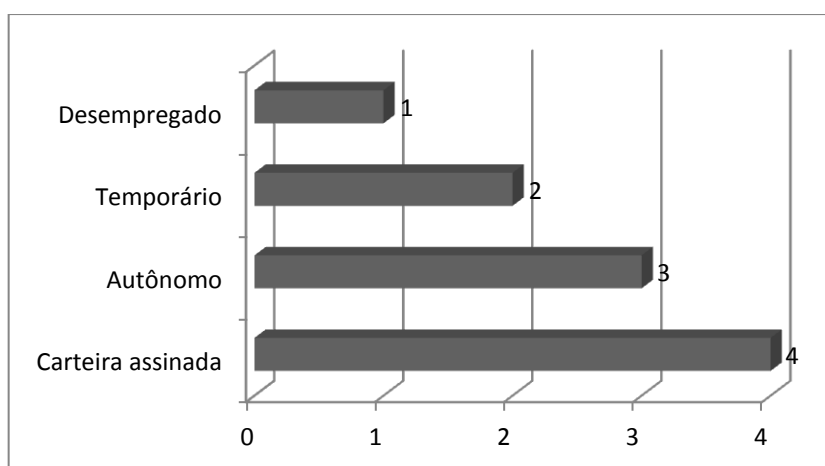


Figura 3 – Situação atual de trabalho dos alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá.

Estes dados vão contra aos estudos de Costa et al. (2007), Oliveira et al. (2009), Sousa e Cunha (2010), uma vez que estes verificaram que a maioria dos alunos que frequentam a EJA e o PROEJA não apresentam um emprego fixo.

No entanto, os dados aqui levantados corroboram com o trabalho desenvolvido por Moura e Melo (2010) que concluíram que a maioria dos educandos do PROEJA por eles analisados mantêm um trabalho que permite a presença de uma renda fixa.

O conhecimento da situação de trabalho dos jovens e adultos é de grande importância (Costa et al., 2007), pois este dado permite que seja tomadas medidas que influenciem sobre tal informação, seja para revertê-la ou para continuar melhorando.

O fato da maioria dos alunos do curso PROEJA em questão estarem trabalhando e mesmo assim procurarem uma qualificação profissional, demonstra que estão interessados em melhorar sua vida profissional, por meio de uma qualificação.

Isto deixa claro a importância de cursos profissionalizantes na vida de indivíduos da EJA, uma vez que a aquisição de uma profissão para este público representa uma oportunidade de melhorar sua situação financeira e social.

Dos educandos questionados apenas um aluno estudou parte do ensino dito regular em escola privada. O restante é oriundo de escolas públicas, onde tiveram a sua formação antes de abandonarem a escola (Fig. 4).

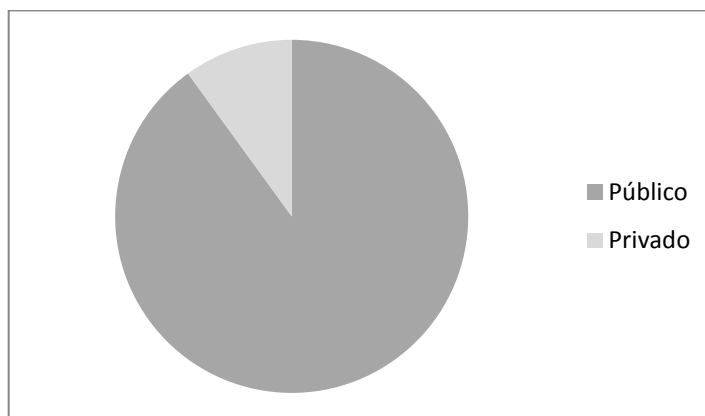


Figura 4 – Origem escolar dos alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá.

Nascimento e Tavares (2008), Oliveira et al. (2009) e Silva et al. (2010) analisando o perfil de alunos de cursos PROEJA verificaram que a maioria são oriundos de escolas públicas, fato este que confirma o encontrado no presente estudo.

Esta situação já era esperada, uma vez que a maioria dos alunos que freqüentam a modalidade de EJA é de uma camada financeiramente desprivilegiada, o que torna inviável a realização dos estudos em escolas particulares.

“Deduz-se que a procura pela escola pública pode ter sido motivada pela situação da renda familiar, uma vez que a escola pública atual não oferece muito atrativo, decorrente da crise pela qual passa o sistema de ensino público” (COSTA et al., 2007).

A maioria dos estudantes analisados estão a mais de 12 anos fora da escola (Fig. 5).

O fato de termos alunos com uma faixa etária elevada justifica que os mesmos estejam a tanto tempo fora da escola.

É importante ressaltar que mesmo com todas as transformações que ocorreram nesses anos na escola e em suas vidas, os educandos não desanimam e continuam fazendo planos para o futuro, após o término de seus estudos.

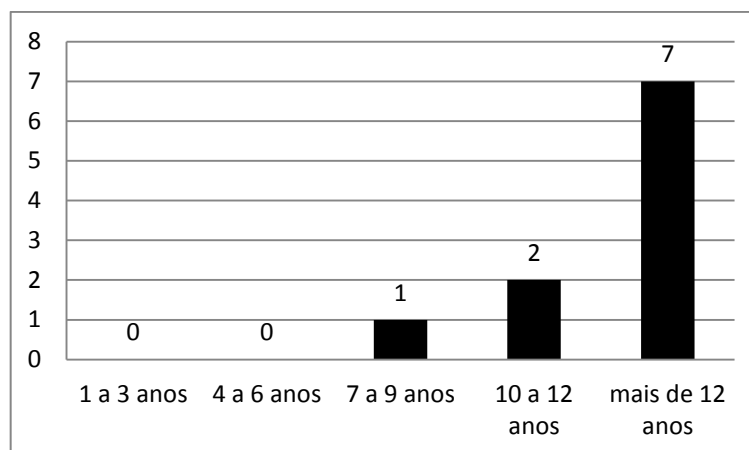


Figura 5 – Quantidade de tempo afastado da escola dos alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá.

Os alunos saíram da escola, em sua maioria, para poderem trabalhar e ajudar na renda familiar (Fig. 6).

A necessidade de trabalhar foi apontada também por Ferreira et al. (2009), Sousa e Cunha (2010) e Moura e Melo (2010) como a maior causa para o abandono dos estudos.

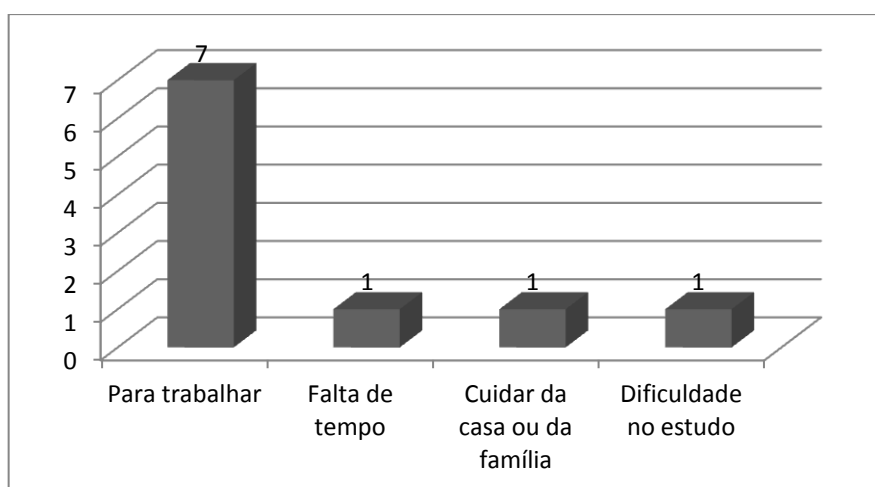


Figura 6 – Motivo pelo qual os alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá pararam de estudar.

Esses alunos explicam que tiveram de deixar os estudos logo cedo para ajudar na renda da família e agora pretendem retomá-lo.

O trabalho é um dos maiores motivos que leva o sujeito a desistir de seus estudos, assim como retornar e permanecer na EJA .

Dos pesquisados apenas uma aluna apontou que parou de estudar para cuidar da casa ou da família. Esse fato é mais comum entre as mulheres, o que revela a cultura social em que estamos inseridos muitas vezes têm que desistir de seus estudos para cuidar da casa. Portanto,

pelo fato da maioria dos educandos serem homens, esta situação apresenta baixa repercussão nesta pesquisa.

Os motivos de a grande maioria ter voltado à escola estão associados principalmente à possibilidade de ter um futuro melhor (Fig. 7). No entanto, os demais vêm os estudos como importante para a vida.

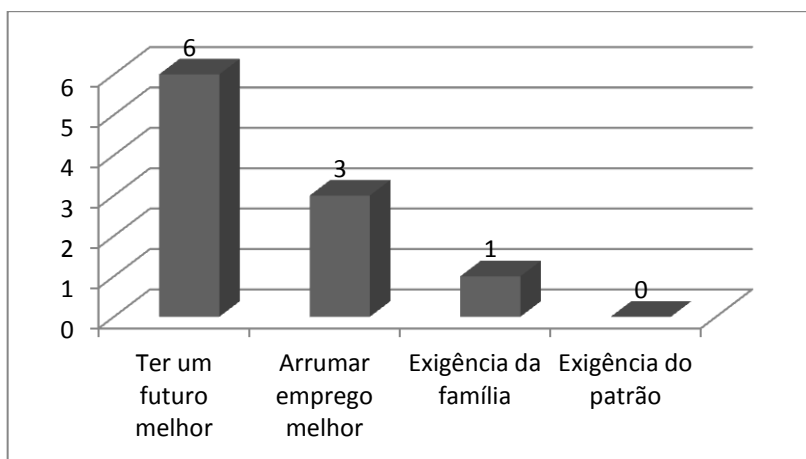


Figura 7 – Motivo pelo qual os alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá voltaram a estudar.

Este resultado corrobora com o verificado por Nascimento e Tavares (2008) que realizando uma pesquisa com alunos do PROEJA identificaram que a maioria voltou a estudar em busca de um futuro melhor.

Ferreira et al. (2009) identificaram como maior motivo para o retorno à escola de alunos da EJA o fato de a escolaridade abrir portas, ou seja, proporcionar um futuro melhor, como citaram os alunos desta pesquisa.

Cavalcanti (1999 apud Ferreira et al., 2009) salienta que

[...] a idade adulta traz a independência. O indivíduo acumula experiências de vida, aprende com os próprios erros, apercebe-se daquilo que não sabe e o quanto este desconhecimento faz-lhe falta. Escolhe uma namorada, ou esposa, escolhe uma profissão e analisa criticamente cada informação que recebe, classificando-a como útil ou inútil.

Podemos perceber que existe uma vontade de melhorar de vida por parte dos alunos. Assim, podemos verificar que todos entendem que a educação é uma das ferramentas que pode ser utilizada para melhorar a qualidade de vida.

“A partir de tais observações, infere-se o reforço da ideologia da mobilidade social ou da ideologia da igualdade de oportunidade por meio da oferta e da aquisição de certa quantidade de educação escolar” (NASCIMENTO; TAVARES, 2008).

Nesse conceito de “ter um futuro melhor” pode estar evidenciado várias aspectos ligados à vida desse aluno, como por exemplo, a melhora na condição financeira, na condição intelectual, na auto-estima e, sobretudo uma melhor posição social, uma vez concluído seus estudos.

A qualidade do ensino da Instituição escolhida para a pesquisa foi considerada por cinco estudantes como o principal motivo da do curso PROEJA-FIC do IFSC de Araranguá, seguida da facilidade de encontrar emprego após o término do curso (Fig. 8).

A qualidade de ensino também foi o principal motivo pelo qual os alunos analisados por Nascimento e Tavares (2008) buscaram uma Instituição de Educação Profissional e Técnica para continuarem seus estudos na modalidade de PROEJA.

Os Institutos Federais são reconhecidos pela excelência na oferta de cursos, seja no nível básico, técnico, superior ou de especialização. Dentre estes cursos está o PROEJA, que tem como finalidade a oferta de educação básica integrada ao ensino técnico.

No Brasil, os Institutos Federais são o principal órgão de ensino na oferta de cursos PROEJA, e todos com qualidade reconhecida e gratuito.

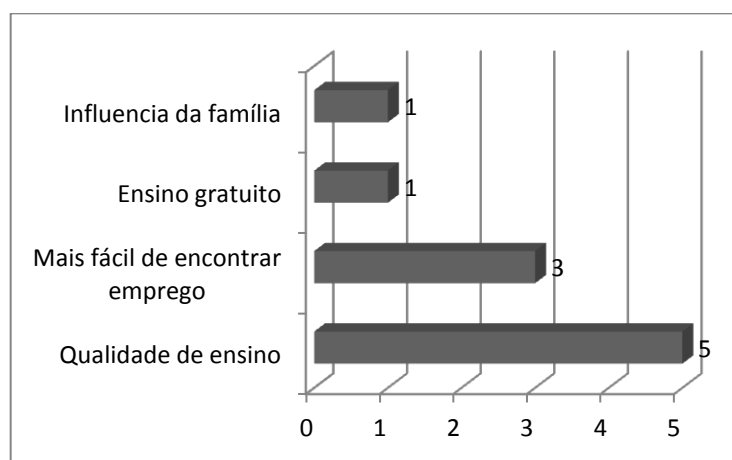


Figura 8 – Motivo pelo qual os alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá escolheram o referido curso.

A maioria dos educandos encontra como principal empecilho para a realização do curso a dificuldade de entender algumas matérias (n=4), seguido do cansaço (n=3). No entanto, dois alunos citaram não encontrar nenhuma dificuldade para dar continuidade aos seus estudos (Fig. 9).

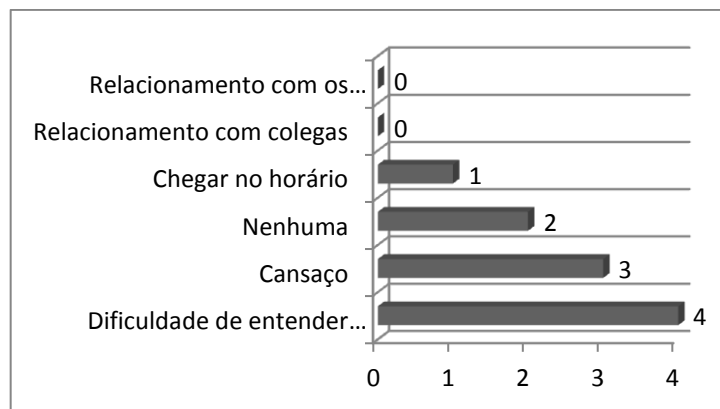


Figura 9 – Dificuldades para a realização curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá.

Silva (2009) estudando o perfil dos alunos de um curso PROEJA do IFRS detectou que a dificuldade de aprendizado de algumas disciplinas também é o maior problema encontrado pelos educandos, seguido da dificuldade de conciliar estudo e trabalho. Confirmando os dados encontrados na presente pesquisa.

Temos que lembrar que os alunos questionados estão a mais de 12 anos afastados da escola, esse tempo de afastamento pode contribuir para que a dificuldade de entender determinadas matérias seja o principal problema encontrado durante a realização do curso. Há de compreender-se que se dedicar aos estudos depois de um longo tempo afastado da escola não é simples.

Outro dado relevante é fato de a maioria trabalhar, e muitas vezes sair direto de uma jornada de oito horas ou até mais para o banco escolar. Essa situação contribui para que o cansaço figure como o segundo maior problema enfrentado pelos alunos.

Quando perguntados sobre o que mais estão gostando no curso até o momento sete alunos citaram os conhecimentos adquiridos durante o curso (Fig. 10).

Moura e Melo (2010) analisando o perfil de alunos de cursos PROEJA verificou que a grande maioria destaca como ponto positivo os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, seguido relacionamento com os colegas.

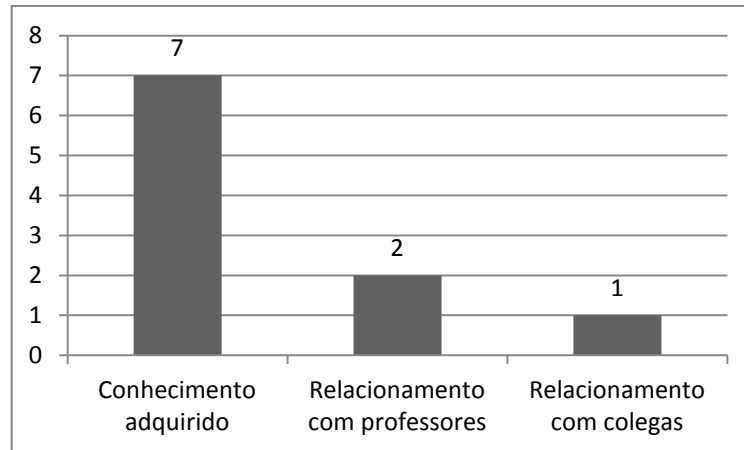


Figura 10 – Motivos pelos quais os alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá, estão gostando do curso.

Questionados quanto à perspectiva após o término do curso sete alunos afirmaram que pretendem realizar um curso de PROEJA de ensino médio, dois pretendem apenas exercer a profissão e um pretende fazer outro curso profissionalizante em qualquer modalidade (Fig. 11).

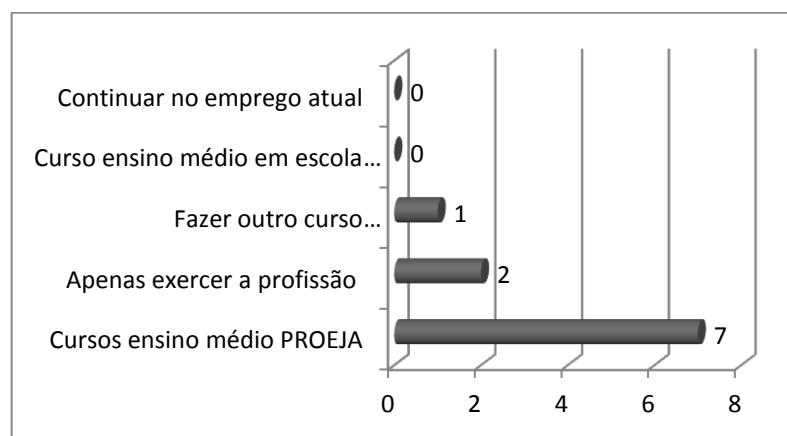


Figura 11 – Planos dos alunos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, câmpus Araranguá, para quando terminarem o curso.

Verificamos que o curso PROEJA-FIC funciona como uma ponte entre o PROEJA de nível fundamental e médio. Esse dado demonstra que apesar das dificuldades enfrentadas pelos alunos para estudar, muitos têm interesse em continuar seus estudos em busca do futuro melhor e uma melhor qualidade de vida.

Percebemos ainda, que os mesmos têm interesse de continuar seus estudos dentro do próprio IFSC, por meio de um curso que dê a devida continuidade ao iniciado anteriormente.

É importante ressaltar o aspecto positivo que se destaca referente à perspectiva de continuidade dos estudos, preconizada pelo PROEJA, pois grande parte dos entrevistados demonstrou interesse no prosseguimento dos estudos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O público da EJA é bastante heterogêneo, onde cada indivíduo apresenta suas especificidades e que muitas vezes enfrentam as mais variadas dificuldades para estarem estudando (OLIVEIRA, 1999), assim como o do PROEJA.

Percebemos que os educandos em questão formam um grupo bastante diversificado e heterogêneo, com especificidades típicas. São jovens e adultos sem história escolar regular e que muitas vezes foram excluídos da escola e da sociedade como um todo. Neste contexto, a EJA e o PROEJA são dirigidos a um sujeito de escolarização básica incompleta ou jamais iniciada.

Os alunos pesquisados trazem consigo história, vivências e anseios. Apesar de serem adultos na grande maioria, muitas vezes apresentavam vontade de serem reconhecidos como cidadãos com a capacidade de fazer a diferença.

Pelas respostas dadas ao questionário ficou clara a vontade que os educandos têm de estudar e a realização que demonstravam por ter conseguido retornar à escola. A maioria são homens que tiveram que parar de estudar devido à necessidade de trabalhar.

O retorno à escola foi uma questão de honra, uma vez que readquiriram o direito de terminar algo que ficou inacabado no passado. O retorno dessas pessoas à escola não significa apenas o cumprimento de uma obrigação, mas significa muito mais o resgate da cidadania, da autoconfiança e do reconhecimento da sua existência na sociedade.

Os alunos que frequentam o PROEJA apresentam uma realidade sociocultural bastante diversificada, esta situação deve pautar as decisões e práticas pedagógicas de todas as disciplinas.

As características acima citadas demonstram a heterogeneidade que o público do PROEJA em questão apresenta, além disso, nos mostra que a história de cada uma faz a diferença durante o processo ensino-aprendizagem.

Por isso, é muito importante conhecer a história desses alunos e levar em consideração seus traços culturais e sociais como a exclusão da escola. Por isso deve-se adequar o ensino a esses alunos, uma vez que eles apresentam peculiaridades no processo de ensino-aprendizagem, que devem ser respeitadas.

O tipo de público que o professor irá trabalhar é algo que faz grande diferença durante o desenvolver das aulas, e isso é mais marcante ainda no ensino de jovens e adultos. O professor da EJA deve sempre procurar saber quem são seus alunos, de onde vieram e para

onde querem ir. A história desses indivíduos nunca deve ser desprezada, e sim utilizada como um material, onde a contribuição de cada um enriquecerá a aula.

O professor de EJA deve ter a sensibilidade de saber significar o ensinamento que está sendo oferecido a esses alunos, ele nunca deve ensinar por ensinar, mas sim ensinar para que o público possa aplicar no seu cotidiano.

Um dos fatores que contribui para o sucesso da EJA é o de considerar cada aluno como um ser único, que por vezes poderá apresentar dificuldades de aprendizagem, mas que, no entanto, não deixa de ter a vontade de aprender.

Por isso, que no ensino de jovens e adultos, o professor nunca deve ser um transmissor de conteúdos, mas sim um grande mediador e companheiro no processo de reconstrução de indivíduos que um dia tiveram o direito de estudar tolhido.

Assim, devemos sempre nos atentar que apenas recentemente os alunos EJA foram considerados como público da Educação Escolar, o que faz que tudo, em termos de ensino, seja novo. Desta forma, há a necessidade de traçarmos novas estratégias educacionais para a EJA, assim sendo, os educadores devem considerar a especificidade e a identidade cultural dos alunos EJA. Isso os leva a assumir um compromisso com uma política de inclusão dos jovens e adultos, tornando-os sujeitos socioculturais.

7 REFERÊNCIAS

- ALVES, M. F.; CASTRO, M. D. R. de. A constituição da educação profissional na modalidade de educação de jovens e adultos – as experiências do PROEJA em Goiás. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO, 23, 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2007.
- ANDRADE, E.R. Os sujeitos educandos na EJA. In: TV Escola, Salto para o Futuro. Educação de Jovens e Adultos: continuar... e aprender por toda a vida. **Boletim**, 20 a 29 de set. 2004.
- ANGELO, C.B.; MOURA, D.H.; GOMES, C.O. O perfil do aluno do proeja no CEFET-RN e na EEN/UFRN. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 5, 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2007.
- ARBACHE, A.P.B. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2001.
- ARROYO, M. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? **Revej@**, v.1, p.1-18, 2007.
- ARROYO, M. G. Formar Educadores e Educadoras de Jovens e Adultos. In. SOARES, L. (org.) **Formação de Educadores da Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, secad/MEC/UNESCO, 2006.
- BEDOYA, M.J.A.; TEIXEIRA, R.R.P. Perfil dos professores da Educação de Jovens e Adultos. **ATHENA – Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008.
- BORGH, I.S.M. Formação de educadores da EJA: inquietações e perspectivas. **Diálogos possíveis**, julho/dezembro 2007.
- BRASIL. **Alunos e alunas da EJA**. Ministério da Educação: Brasília, 2006.
- BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acessado em: 20 de junho de 2011.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos**. Parecer CNE/CEB n.1, de 5 de junho de 2000.
- BRASIL. **Documento Base**: Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos – PROEJA – Formação inicial e continuada / ensino fundamental. Ministério da Educação: Brasília, 2007a.
- BRASIL. **Documento Base**: Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos – PROEJA – Educação profissional técnica de nível médio / ensino médio. Ministério da Educação: Brasília, 2007b.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 2006. Disponível em: <
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acessado em: 15 de maio de 2011.

CAMPOS, C.A. O desafio do currículo integrado no PROEJA. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32, 2009, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2009.

CARDOSO, C.; VERNEQUE, F.; ALMEIDA, D. PROEJA: possibilidades e entraves. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 1, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHILANTE, E.F.N.; NOMA, A.K. Reparação da dívida social da exclusão: uma função da educação de jovens e adultos no Brasil? **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. Especial, p 225-237, mai.2009.

COSTA, F.L.M.; SOBRINHO, F.P.; DIAS, I.E.F. **O perfil dos alunos do PROEJA no CEFETCE: o que pensam e o que desejam.** 2007. Monografia (Especialização em Educação PROEJA) – Instituto Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CURY, C.R.J. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Distrito Federal: Ministério da Educação. 2000.

DEMO, P. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

DI PIERRO, M.C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V.M. Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Cadernos Cedes**, ano XXI, n.55, novembro/2001.

FARIAS, A.F. Identificando os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos no município de Presidente Prudente-SP. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESP, 21, 2009, São José do Ribeirão Preto. **Anais...** 2009, São José do Ribeirão Preto.

FERREIRA, E.B.; OLIVEIRA, E.C.; CEZARINO, K.R.A. Formação continuada de professores e PROEJA: dois grandes desafios. In: SEMINÁRIO REDESTRADO – NUEVAS REGULACIONES EN AMÉRICA LATINA, 7, 2008, Buenos Aires. **Anais...** Buenos Aires, 2008.

FERREIRA, G.D.F.; ALCÂNTARA, L.C.S.; GAHYVA, S.R. Identidade do aluno EJA. **Profiscientia** (Cuiabá), v. 4, p. 185-208, 2009.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GENTIL, V.K. **EJA: contexto histórico e desafios da formação docente.** 2003. Disponível em: <
http://www.drearaguaina.com.br/educ_diversidade/fc_eja/Municipios/texto_para_leitura_desafios_da_eja.pdf>. Acesso em: 11 de abr. 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, S. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

HADDAD, S. Tendências atuais na educação de jovens e adultos. **Em Aberto**, Brasília, ano 11, n. 56, out./dez. 1992.

HOTZ, K.G. PROEJA: limites e possibilidades para a classe trabalhadora. In: SEMINÁRIO DO TRABALHO: TRABALHO, ECONOMIA E EDUCAÇÃO, 6, 2008, Marília. **Anais...** Marília, 2008.

HYPOLITO, A.M.; DEL PINTO, M.A.B.; MARCOLLA, V.; BONOW, D. Implantação dos cursos PROEJA nas instituições federais: as experiências de pelotas. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 3, 2009, Vitória. **Anais...** Vitória, 2009.

LOPES, S.P.; SOUSA, L.S. EJA: uma educação possível ou mera utopia? **CEREJA**, v. 1, p. 17-19, 2007.

MACHADO, L.R.S. PROEJA: O significado socioeconômico e o desafio da construção de um currículo inovador. In: MEC, SEED, TV Escola, Salto para o Futuro. (Org.). **PROEJA: Formação técnica integrada ao ensino médio**. Rio de Janeiro: MEC, SEED, TV Escola, Salto para o Futuro, 2006, v. 16, p. 36-53.

MARINHO, I.B.; FERREIRA, M.J.R. Os sujeitos do PROEJA: a participação da mulher no curso técnico integrado de segurança do trabalho no IFES – Campus Vitória. **Debates em Educação Científica e Tecnológica**, v. 01, no 1, p. 76-84, 2011.

MENEZES, C. S. A participação feminina em turmas da Educação de Jovens e Adultos. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE, 5, 2005, Recife. **Anais...** 2005, Recife.

MOTTA, L.S. **Alunos do PROEJA IFG/JATAÍ: quem são? Por onde andam?** 2009. 61f. Monografia (Especialização em Educação PROEJA) – Instituto Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

MOURA, D.H. **O PROEJA e a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**. Natal: Mimeo, 2006.

MOURA, G.G.; MELO, J.D. Perfil do aluno proeja do Instituto Federal de Sergipe (IFS) campus Aracaju com ingresso em 2010. In: CONNEPI, 5, 2010, Maceió. **Anais...** Maceió, 2010.

NASCIMENTO, N.C.C.; TAVARES, G.R.C. Perfil dos alunos do PROEJA em uma instituição de educação profissional técnica de nível médio. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2008.

NASCIMENTO, C. B. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

NESRALLA, M.R.D. Onde está o público do PROEJA? Considerações sobre a implantação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL: O ESTADO E AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO TEMPO PRESENTE, 5, 2009, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia, 2009.

OLIVEIRA, C.N.W.; LOUREIRO, A.M.; MURUCI, L.N.M.; VAZQUEZ, R.P.; SANCHEZ, S.B. O PROEJA no Colégio Técnico da Universidade Rural: a experiência de um projeto em construção. In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, 1, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010.

OLIVEIRA, E.C.; CEZARINO, K.R.A.; SANTOS, J.S. Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos no PROEJA. In: CONGRESSO INTERAMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 3, 2009, Vitória. **Anais...** Vitória, 2009.

OLIVEIRA, M.K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n.12, 1999.

PEREIRA, E.A.; FILHO, M.; MACEDO, S.C.R. **Educação integral do aluno do PROEJA em Floriano-PI**. 2010. Disponível em: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.19/GT_19_01_2010.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2011.

RIBEIRO, I.F. **Perfil dos alunos do PROEJA do IFRS – BG**. 2009. 20f. Monografia (Especialização em Educação PROEJA) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2009.

RIDENTI, S. G. U. A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In: ARILHA, M.; MEDRADO, B.; RIDENTI, S. G. U. (orgs.). **Homens e Masculinidades**: outras palavras. São Paulo: FCC, ed. 34, 1998. p. 163-184.

SAMPAIO, M.N. Educação de Jovens e Adultos: uma história de complexidade e tensões. **Práxis Educacional**, v. 5, n. 7, p. 13-27, 2009.

SANT'ANNA, S.M.L. **A Educação de Jovens e Adultos: uma perspectiva histórica**. 2010. Disponível em: <http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/eja/contextualizacao_historica_da_EJA__sitamara.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2011.

SANTOS, B. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SOUSA SANTOS, B. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: “Um discurso sobre as Ciências” Revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

SCORTEGAGNA, P.A.; OLIVEIRA, R.C.S. A Educação de Jovens e Adultos: uma perspectiva histórica. **Dialogia**, v.7, n.1, p.77-84, 2008.

SILVA, A.D.B. **A EJA na modalidade a distância: facilidades e implicações**. 26f. 2009. Especialização (Monografia em Educação PROEJA), Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2009.

SILVA, A.R.N.; COSTA, M.A.R.P.; NASCIMENTO, L.M.L. Discutindo o perfil dos alunos do curso de edificações na modalidade EJA - CEFET-RN: desafios e possibilidades. In: CONNEPI, 5, 2010, Maceió. **Anais...** Maceió, 2010.

SILVA, E.L.; MENEZES, E.M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3.ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, J.A. **Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de Educação de Jovens e Adultos – EJA: tudo junto e misturado!** 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, M.A.B. **O perfil sócio-econômico e cultural dos alunos do PROEJA/UNED Jataí e a evasão escolar na turma de 2006**. 2009. 43f. Monografia (Especialização em Educação PROEJA) – Instituto Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SOARES, M.A.F. **Perfil do aluno da EJA / médio na escola Dr. Alfredo Pessoa de Lima**. 2007. 58f. Monografia (Especialização em Educação PROEJA) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SOUSA, K.C.; CUNHA, N.S. **Perfil dos alunos de Educação de Jovens e Adultos de Teresina**. 2010. Disponível em: <
http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.19/GT_19_03_2010.pdf>. Acesso em 20 abr. 2011.

SOUZA, E.F.; ABDO, P.F.; OLIVEIRA, M.A.M. O processo de implantação do PROEJA no CEFET-X: visões de professores e gestores. In: SIMPÓSIO SOBRE TRABALHO E EDUCAÇÃO, 5, 2009, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2009.

STRELHOW, T.B. Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010.

VERSIEUX, D.P. **O Proeja e a formação integral dos trabalhadores**. 2009. Disponível em: www.senept.cefetmg.br/galerias/.../TerxaTema6Artigo20artito> Acesso em: 02 jun. 2011.

VIEIRA, M.C. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos** – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ANEXO



INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU*
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA A EDUCAÇÃO BÁSICA
MODALIDADE DE EDUCAÇÃO JOVENS E ADULTOS

PESQUISADORA
Angeluce Costa
ORIENTADOR
Prof MSc Samuel Costa
TÍTULO DO TRABALHO
Especificidades dos educandos do curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Araranguá.

Prezado(a) Aluno(a)

Este questionário faz parte da monografia da pós-graduanda Angeluce Costa, do Instituto Federal de Santa Catarina, campus de Araranguá e está sendo aplicado para o levantamento de dados sobre especificidades dos alunos do curso PROEJA/FIC do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Araranguá. Com isso pretendemos compreender melhor o perfil dos alunos e seus objetivos após o término do curso.

Ressaltamos que o questionário tem caráter anônimo e as respostas são confidenciais e não serão de forma alguma divulgadas, apenas a compilação dos resultados gerais, sem distinção de indivíduos.

Instruções para o preenchimento

1. Não existem respostas corretas e incorretas. Será útil na medida em que suas respostas forem sinceras.
2. Nenhuma questão tem mais de uma alternativa.

QUESTIONÁRIO**1. Gênero**

() Masculino () Feminino

2. Qual o seu estado civil?

() solteiro(a)

() casado(a)/união estável

() viúvo(a)

() separado(a)/divorciado(a)

() Outro Qual? _____

3. Qual a sua faixa etária?

- de 16 a 24 anos
- de 25 a 30 anos
- de 31 a 35 anos
- de 36 a 40 anos
- de 40 a 50 anos.
- mais de 50 anos.

4. Qual a sua situação atual de trabalho?

- Temporário.
- Carteira assinada.
- Autômomo.
- Funcionário público.
- Desempregado.
- Outro _____

5. Qual o tipo de ensino que você frequentou antes de ingressar no curso PROEJA – FIC?

- Público.
- Privado.

6. Qual o tempo que você estava afastado da escola antes de retornar o estudo?

- 1 a 3 anos
- 4 a 6 anos.
- 7 a 9 anos.
- 10 a 12 anos.
- mais de 12 anos.

7. Qual o motivo que levou você a parar de estudar?

- Falta de tempo.
- Cuidar de casa ou da família.
- Trabalhar.
- Dificuldades no estudo.
- Outro _____

8. Qual o motivo que levou você a retomar os seus estudos?

- Ter um futuro melhor.
- Arrumar um emprego melhor.
- Exigência do seu patrão.
- exigência de sua família.

9. Qual o motivo que fez você escolher fazer o curso PROEJA-FIC do Instituto Federal de Santa Catarina?

- A qualidade do ensino.
- O fato do ensino ser gratuito.

- Porque é mais fácil de conseguir emprego.
- Apenas para ter o nível fundamental.
- Influencia dos familiares.
- Outro _____

10. Até o momento o que você mais está gostando no curso?

- As aprendizagens que você está adquirindo.
- O relacionamento com os colegas.
- O relacionamento com os professores.
- Outro _____

11. Qual a maior dificuldade até o momento para a realização do curso?

- Dificuldade de entender algumas disciplinas.
- Chegar no horário.
- O cansaço.
- O relacionamento com os professores.
- O relacionamento com os colegas.
- Outro _____

12. Quais são os seus planos quando você terminar o curso?

- Fazer o ensino médio na modalidade de Jovens e Adultos.
- cursar o ensino médio na escola regular.
- cursar o ensino médio na modalidade de PROEJA.
- Parar de estudar e apenas exercer a profissão na qual me formei.
- Continuar no meu emprego atual.
- Outro _____